

Docentes fisioterapeutas do UNIARAXÁ: formação pedagógica e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem.

Hélcio Balbino dos Santos¹
Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini- orientadora.²

Resumo: O cenário da docência universitária é amplo campo de discussões acerca da formação pedagógica e da prática na preparação do profissional que é um ator social vital para a sociedade. Todavia, muito destes profissionais não são instrumentalizados pedagogicamente para o exercício da docência universitária, inclusive na área da saúde, como por exemplo, na Fisioterapia. Este trabalho aborda questões da docência universitária no curso de Fisioterapia e discute a formação profissional destes professores. Trata-se de uma pesquisa exploratório-analítica com abordagens qualitativa e quantitativa com 10 participantes do Centro Universitário do Planalto de Araxá-Araxá/MG, todos docentes do curso de Fisioterapia com bacharelado na área. O trabalho foi aprovado pelo CEP-Uniaraxá sob o protocolo nº 00813/64. Todos os voluntários responderam a um questionário semiestruturado adaptado do estudo de Ferreira et al. (2014). Para tratamento dos dados quantitativos foi utilizado o software Microsoft Excel 10.0 e os dados qualitativos foram apresentados sob a forma de análise descritiva e transcrição de opiniões. Os resultados revelaram uma formação pedagógica profissional ainda deficitária na especialidade e pouco discutida entre os pares sobre suas reais necessidades. Além disso, todos os voluntários enfatizam que a formação pedagógica do docente-fisioterapeuta influencia positivamente no processo de ensino-aprendizagem. Ainda que exista a crença de que seja necessária essa formação pedagógica durante o Bacharelado em Fisioterapia não há preparação para disciplinas pedagógicas e são poucos os que têm tal conteúdo em cursos de pós-graduação. Os cursos de formação continuada ainda são raros entre o grupo de professores pesquisados que acabam atuando em sala de aula baseados em modelos de antigos professores, práticas educativas que já conhecem e na troca de experiências com outros colegas docentes.

Palavras chave: Curso de Fisioterapia; Docentes-Fisioterapeutas; Docência Universitária; Formação Pedagógica.

¹ Especialista em Esportes e Atividades Físicas para Pessoa com Deficiência pela UFJF – Professor do Uniaraxa e Concluinte do Curso de Especialização em Docência Universitária do Uniaraxa.

² Doutora em Educação pela UFU – Universidade Federal de Uberlândia – Professora Convidada do Curso de Especialização em Docência Universitária do Uniaraxá.

Abstract: The scenery of university teaching is broad discussions field about the pedagogical training and practice in the preparation of professional that is a vital social actor to society. However, many of these professionals are not pedagogically instrumented for the exercise of university teaching, including in health, such as in physical therapy. This work deals with issues of university teaching in the course of physical therapy and discusses the training of these teachers. It is about an exploratory-analytic research with qualitative and quantitative approach with 10 participants in the Centro Universitário do Planalto de Araxá - Araxá / MG, all Physiotherapy course teachers with bachelor in the area. The study was approved by CEP-Uniaraxá under the Protocol 00813/64. All volunteers answered a semi-structured questionnaire adapted from the study by Ferreira et al. (2014). For the treatment of quantitative data was used Microsoft Excel 10.0 software and the qualitative data were presented in the form of descriptive analysis and transcription of opinions. The results revealed a professional teacher training still deficient in the art and little discussed among peers about their real needs. In addition, all volunteers emphasize that pedagogical training of teaching-physiotherapist positively influence the teaching-learning process. Although there is the belief that teacher training is necessary for the Bachelor of Physiotherapy there is no preparation for teaching courses and there are few who have such content in graduate courses. The continuing education courses are still rare among the group of surveyed teachers who end up working in the classroom based on models of former teachers, educational practices they already know and exchange experiences with other teaching colleagues.

Keywords: Physical Therapy Course; Physiotherapists-Teachers; University Teaching; Pedagogical Training.

1- Introdução

Cenário de amplas discussões, a docência universitária é alvo de inúmeros estudos, sobremaneira dentro do contexto das universidades. No entanto, o aumento significativo destas pesquisas deu-se a partir da década de 80, com ênfase nos questionamentos acerca do papel do docente no ensino superior e da construção didática e cidadã do mesmo (SOARES, CUNHA, 2010).

Modelos pragmáticos e eruditos em que o professor centra-se no processo de ensino e domina conteúdos já estão sendo tratados como anacrônicos. Ensaios mais atualizados contestam esta didática e corroboram que para a efetividade do papel social da educação, novos paradigmas precisam ser quebrados e ações ativas metodologicamente devem ser pensadas e colocadas em prática, inclusive na formação docente (ZABALZA, 2004; ANASTASIOU, 2003; FERREIRA et al., 2014; FERREIRA e ANDRADE, 2015). Mas, como se pensar em tais medidas, uma vez que a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), no seu artigo 65 discorre que “a formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas”. Isto nos remete ao questionamento importante: será que a titulação é efetiva na preparação do docente universitário? E, além disso: será que o próprio docente tem esta preocupação?

Tardif (2000), ressalta que os saberes docentes são plurais, heterogêneos e centrados em três sentidos: 1- são provenientes de fontes diversas; 2- não estão restritos a uma única disciplina, tecnologia ou concepção de ensino, sendo assim ecléticos e sincréticos, e 3- na prática, os professores buscam objetivos distintos, o que não requer necessariamente os mesmos conhecimentos. Isto reforça a importância da construção singular de cada processo de se tornar professor, mais popularmente conhecido como identidade profissional (FONSECA, 2002). Bolívar (2002) relata que “o desenvolvimento profissional no ensino depende ou vai unido – como parece óbvio, embora nem sempre reconhecido – do desenvolvimento profissional, que por sua vez é indissociável da trajetória biográfica”.

Ainda que cada docente tenha a sua história, os autores supracitados ressaltam que muitas falhas se dão no processo de formação pedagógica (RIBEIRO, CUNHA, 2010). Grande parte dos estudos nesta área confirma tal ideia, ainda que não sejam os únicos problemas.

Para Soares (2013) há um grave problema neste sentido, já que no Brasil a formação de professor para o ensino universitário não se ampara em forma de curso específico, como acontece em outros níveis de ensino. Ainda de acordo com a autora, dá-se a impressão que a universidade não trabalha a formação docente do futuro bacharel, mesmo sabendo que provavelmente ele exercerá a função de docente. Assim, centra-se em saberes disciplinares e em uma titulação, sem, no entanto, ter formação pedagógica docente.

Esta condição é muito observada nos cursos da área de saúde em nível de país, por exemplo, dentre eles a fisioterapia. Isto acontece muito porque ao adentrar a área de saúde esses traços (capacitação, aprimoramento e formação secundária) são ligados a um trinômio ensino-aprendizagem-assistência (BATISTA, BATISTA, 2004). Assim, entrelaçam atividades de ensinar e aprender pelo professor, pelo aluno e pelos pacientes (BATISTA, BATISTA, 2014).

Neste contexto, o presente trabalho buscou verificar a formação pedagógica e a percepção da mesma sobre a qualidade do processo de ensino-aprendizagem dos fisioterapeutas-docentes do Uniaraxá. Participaram do estudo 10 voluntários com formação em fisioterapia, docentes deste e de outros cursos da área da saúde.

Todavia, anteriormente à apresentação dos dados encontrados na pesquisa, optou-se por delinear um breve histórico do curso de fisioterapia no Brasil, desde a implantação até o reconhecimento pelo Ministério da Educação. Isto se deu pela necessidade do entendimento do processo histórico e legal que constitui as bases da profissão e da legitimação do docente fisioterapeuta, como forma de discutir ações, reestruturar programas, propor e executar medidas, bem como reavaliá-las enquanto profissão e instrumento social de educação.

2- O curso de Fisioterapia

De acordo com o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, através da Resolução do COFFITO, Decreto 9.640/84, Lei 8.856/94, a

fisioterapia é:

É uma ciência da Saúde que estuda, previne e trata os distúrbios cinético-funcionais, intercorrentes em órgãos e sistemas do corpo humano, gerados por alterações genéticas, por traumas e por doenças adquiridas. Fundamenta suas ações em mecanismos terapêuticos próprios, sistematizados pelos estudos da Biologia, das ciências morfológicas, das ciências fisiológicas, das patologias, da bioquímica, da biofísica, da biomecânica, da cinesia e da sinergia funcional de órgãos e de sistemas do corpo humano e as disciplinas comportamentais e sociais.

Para a *World Confederation for Physical Therapy* (2004), a essência da fisioterapia enquanto profissão da área de saúde é prestar serviços a pessoas e populações com o intuito de desenvolver, manter e restaurar o movimento e a capacidade funcional, durante todo o ciclo de vida (infância, idade adulta e velhice).

O fisioterapeuta pode atuar em várias áreas, desde o estabelecimento de diagnóstico cinético-funcional, como também em atendimentos, elaboração e execução de projetos de prevenção e promoção à saúde, o que confere a este profissional a condição de ser constantemente aclamado frente ao papel social desenvolvido pelo mesmo.

Os primeiros relatos da prática da Fisioterapia no Brasil fazem menção à fundação do Departamento de Eletricidade Médica por meio do Professor Raphael de Barros, docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (ALFIERI, 2011).

A história propriamente dita da fisioterapia se deu em 1951 quando o Dr. Wado Rolim de Moraes, criou no Rio de Janeiro o primeiro curso de Fisioterapia no Brasil, com duração de um ano e com o objetivo de formar técnicos em Fisioterapia. Por conseguinte, no ano de 1958, pela Lei 5.029, anexada à Cadeira de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, criou-se o Instituto Nacional de Reabilitação (INR). No INR iniciou-se o primeiro curso de Fisioterapia com padrão internacional mínimo com duração de dois anos (MARQUES, SANCHEZ, 1994).

No ano de 1967, a Universidade de São Paulo pela portaria nº 347 de 7 de abril regulamenta os cursos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional inseridos no Instituto de reabilitação da Faculdade de Medicina da USP. Já o parecer 388/63 estabeleceu que os cursos devessem ter três anos de duração, e determinou um currículo mínimo para os mesmos. A lei 938 de 13 de outubro de 1969 “rege que os fisioterapeutas diplomados por escolas e cursos superiores são profissionais de nível superior” (MARQUES, SANCHEZ, 1994). Em 17 de dezembro de 1975 são criados pela Lei 6.316, os Conselhos Regionais e Federais de Fisioterapia, e em 1982 é estruturado o Sindicato dos Fisioterapeutas e Terapeutas Ocupacionais (BARROS, 2003).

A fisioterapia é uma profissão relativamente nova que ganhou destaque significativo dentro do contexto social e educacional nos últimos anos, sobretudo

a partir do ano de 1990 (BISPO JÚNIOR, 2009; CAVALCANTE, 2011). Todavia, em 28 de fevereiro de 1983 foi fixado o currículo mínimo para os cursos de Fisioterapia, através da Lei.5.340. Em 2001 estabeleceram-se novas Diretrizes Curriculares para os cursos de Fisioterapia, promovendo diálogos e discussões por parte de profissionais e docentes, junto ao Ministério da Educação e ao Conselho Nacional de Educação. (MACIEL *et al.*, 2005).

Este cenário afeta diretamente o aspecto da formação do docente fisioterapeuta com importantes questionamentos: quais profissionais participam da formação do fisioterapeuta? O docente-fisioterapeuta sem formação específica didático-pedagógica tem condições de estar na sala de aula? E no outro extremo, o docente-fisioterapeuta que é apenas pesquisador, não lhe falta a prática clínica? Qual é o perfil do docente-fisioterapeuta? Questionamentos estes que o presente estudo procura abrir para a discussão.

3. O docente fisioterapeuta

A estrutura curricular delineada pelos parâmetros norteadores do Ministério da Educação não determina a obrigatoriedade de alguma disciplina com cunho didático-pedagógico, ainda que busque o desenvolvimento de habilidades e competências que influenciarão neste processo.

O crescimento dos cursos de graduação em fisioterapia teve um processo significativo e desordenado passando de 100 (1998) para 370 (2004) e 461 (2010) (ROCHA *et al.*, 2010). Esta situação resultou que diversos fisioterapeutas clínicos, com formação voltada à assistência assumissem o papel docente, sem qualificação para tal exercício, inclusive dentro dos próprios cursos de graduação (CARVALHO *et al.*, 2015). Desta forma, a preocupação com a formação do fisioterapeuta-docente tem sido tema de vários estudos (TOMBINI, ARAÚJO, 2015).

Todo docente enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem deve se preocupar com sua prática. Tal condição permeia muitas relações de formação dentre outras habilidades envolvidas no percurso de desenvolvimento do ensino aprendizagem, inclusive na forma de trabalhar a didática dentro dos cursos da área da saúde.

Muitas questões norteiam a formação docente, sobretudo do docente da área da saúde. A temática é um campo de pesquisa complexo e urgente. Desta forma, muitas discussões permeiam este processo, dentre elas da relação entre a formação docente para o exercício da função de professor universitário.

Em inúmeros casos, tem-se a opção de um profissional sem formação pedagógica, mas com reconhecido destaque técnico para ser inserido na docência universitária. Por outro lado, será que estes com formação técnica, por vezes, não podem ser mais didáticos que os catedráticos? Será que existe alguma relação entre formação específica e nível de aprendizagem? Mas e o professor, qual a sua percepção sobre esta relação? Discussões parte sabe-se que muitas são as dúvidas.

São questionamentos que estamos propondo aos docentes do curso de fisioterapia, em função da relevância de “ouvir” relatos e percepções dos mesmos a fim de termos uma leitura sobre como o docente fisioterapeuta se prepara para esta função.

Essa reflexão é muito importante porque gera um produto que pode modificar concepções sobre a prática docente, nortear processos de capacitação e aproximar os profissionais que têm uma função em comum: a melhora do processo educativo dentro do curso de Fisioterapia do Uniaraxá.

Nesta perspectiva, o presente estudo se propõe a conhecer o perfil do fisioterapeuta docente do Uniaraxá e ouvir seus relatos e observações sobre a sua formação didático-pedagógica e a relação com o processo de ensino-aprendizagem.

4. Delineando a pesquisa empírica

O presente estudo trata-se de uma pesquisa transversal, observacional exploratória com abordagem qualitativa e quantitativa, preconizando não apenas a coleta de dados sob a forma de números, percentuais e tabelas, mas, sobretudo, de análise dos discursos dos sujeitos sob a forma de texto, centrado na valorização subjetiva e na exposição das opiniões dos mesmos (FERREIRA *et al.*, 2014).

Estes dois métodos - qualitativo e quantitativo- se diferem não apenas pelos procedimentos, mas pela concepção de ciência que desenvolvem (GAMBOA, 2007).

... a pesquisa quantitativa caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas. A pesquisa qualitativa difere, em princípio, do quantitativo, à medida que não emprega um instrumental estatístico como base na análise de um problema, não pretendendo medir ou numerar categorias. (RICHARDSON, 2008, p.187)

Embora muitos pesquisadores achem que são metodologias contraditórias, outros as defendem como complementares.

Portela (2004, p. 99) defende que:

Conforme características, limites e vantagens das abordagens acima citadas, acreditamos que a melhor forma de se pesquisar é através da integração entre os métodos quantitativo e qualitativo, pois para analisar-se com fidedignidade uma situação dada é necessário o uso de dados estatísticos e outros dados quantitativos, e também da análise qualitativa dos dados obtidos por meio de instrumentos quantitativos, entre outros cuidados para se evitar o *bias*, fruto da subjetividade que encerra uma pesquisa, a exemplo da subjetividade do pesquisador. Considerando-se que a subjetividade do pesquisador

sempre está presente, mesmo nas pesquisas quantitativas, o melhor procedimento a tomar é fazer um cruzamento de dados, podendo assim obter uma melhor compreensão do problema estudado...

A pesquisa foi realizada no Centro Universitário do Planalto de Araxá, com os docentes do curso de Fisioterapia, com formação específica. Assim, foram convidados 15 profissionais com formação em fisioterapia. Para levantamento dos sujeitos da pesquisa obedeceu-se aos seguintes critérios de inclusão e exclusão:

Critérios de inclusão:

- docentes do curso de fisioterapia do Uniaraxá, de ambos os gêneros, que aceitassem participar do estudo e assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- prática docente no ensino superior no mínimo há um ano.
- graduação em fisioterapia;

Critérios de exclusão:

- ser professor substituto;
- desenvolver aulas com menos de 12 horas de dedicação semanal;
- não ter graduação inicial em Fisioterapia.

Dos 15 voluntários, a partir destes critérios, chegou-se ao número de dez docentes, sendo que dois não atingiram o número mínimo de horas, um docente não se encontrava na instituição na data da coleta de dados, outro não lecionava no semestre corrente e outro é autor da pesquisa.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Uniaraxá sob o protocolo nº 00813/64, e todos os voluntários assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que explicitava os objetivos, procedimentos metodológicos, aspectos éticos e legais, de forma a resguardar o anonimato e confidencialidade dos voluntários, conforme preconiza a Resolução nº466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Para avaliação da percepção e relatos dos voluntários foi construído um questionário semiestruturado, adaptado do estudo de Ferreira et al.(2014).

O mesmo foi construído em três partes, de etapa única. A primeira foi denominada “Dados gerais sobre o sujeito pesquisado”, contendo informações pessoais e profissionais de uma maneira geral. Na segunda parte, “Categoria: Formação Profissional”, em escala Likert de grau de concordância em cinco níveis: Nunca (N), Quase Nunca (QN), Eventualmente (E), Quase Sempre (QS) e Sempre (S). Já na terceira parte do instrumento, “Questões”, trata-se de reflexões abertas, sendo elas: 1) Você avalia que o seu curso de graduação ou de pós-graduação, lhe proporcionou, de alguma forma, uma boa formação teórico-prática para atuar em sala de aula?; 1.1) Justifique; 2) Você avalia que a formação docente pedagógica influencia no processo de ensino-aprendizagem? 2.1) Justifique.

Para a análise dos resultados utilizou-se o software Microsoft Excel 10.0 para cálculos de médias e desvio padrão. Os resultados foram expressos quantitativamente utilizando padrões percentuais, médias e desvio padrão. Os dados qualitativos foram apresentados sob a forma de análise descritiva e transcrição de opiniões.

5. Resultados

Quanto ao perfil dos entrevistados na pesquisa têm-se 100% dos sujeitos com formação em universidades privadas, de ambos os gêneros (5 homens e 5 mulheres), com idade média de $37,3 \pm 3$ anos. Destes 80% são casados, 10% tem união estável e outros 10% são solteiros. Dos voluntários, 70% concluíram a graduação em fisioterapia entre 2000 e 2008, sendo que destes 40% são mestres em promoção à saúde, 10% mestres em reabilitação, 10% doutores em patologia e 40% especialistas *LatuSensu*. Na população estudada há pouca representatividade de mestres e doutores com formação na área de reabilitação. Todavia, 100% dos sujeitos exerce atividade clínica.

Quanto à formação pedagógica em docência, 20% já concluíram e outros 20% estão em andamento. Dentre estes 4 voluntários, 2 cursaram no Uniara-xá (um concluído e outro em andamento) e mais 2 em outras instituições (um concluído e outro em andamento). Em relação à função docente e ao tipo de atividade a que estão relacionados 20% só em sala de aula, 20% sala de aula e supervisão, 20% sala de aula, supervisão e coordenação e 40% apenas supervisão de estágio. Da população estudada apenas 10% exerce atividade docente em outra instituição. O tempo médio de prática docente foi de 6,3 anos.

Em um segundo momento do estudo foram levantadas assertivas quanto à formação e capacitação do docente-fisioterapeuta, tendo em vista que o escopo do trabalho se preocupa muito neste sentido. Percebeu-se que existe sim uma ideia corrente sobre a necessidade de capacitação continuada das questões pedagógicas (um valor positivo de correlação), existe ainda a carência na formação pedagógica que os mesmos julgam necessária, em parte, para o desempenho profissional e em parte para o desenvolvimento mais criterioso do processo ensino-aprendizagem. Os questionamentos que justificam esta ideia podem ser observados pela interpretação do quadro 1, a seguir.

Quadro 1. Caracterização da importância da formação docente.

Formação profissional do fisioterapeuta-docente	Grau de importância				
	N	QN	E	QS	S
Assertivas valoradas pelos docentes					
Ter qualificação para atuar na docência universitária, com formação específica.	—	—	1 (10%)	3 (30%)	6 (60%)
Ter preocupação com o aperfeiçoamento pedagógico e a formação continuada	—	—	—	3 (30%)	7 (70%)
Saber refletir sobre o significado do saber pedagógico	—	—	—	3 (30%)	7 (70%)
Realizar cursos de formação específica para professores	—	—	3 (30%)	—	7 (70%)
Saber valorizar a prática pedagógica como momento de construção de conhecimentos	—	—	—	2 (20%)	8 (80%)

Legenda: N: Nunca; QN: Quase Nunca; E: Eventualmente; QS: Quase Sempre; S: Sempre. Fonte: **Dados** da pesquisa.

A interpretação do quadro 1 demonstra a busca do docente-fisioterapeuta sobre a prática pedagógica. Os resultados mostram que existe uma forte correlação com a variável frequência, quando se alicerçaram questionamentos sobre ter qualificação, realizar aperfeiçoamento pedagógico, estabelecer reflexões sobre o saber docente, procurar por formação específica e entender a prática docente como momento de aprendizado, sobretudo, para os próprios docentes.

Isto demonstra que é um processo inacabado e dependente do tempo/experiência do docente. De tal forma, a função docente, no caso de docentes-fisioterapeutas, tem como papel não apenas se ater a questões teórico-científicas, mas difundir e aplicar o verdadeiro sentido de sua função como professor.

Assim, da mesma forma que o aluno tem que desenvolver suas competências e habilidades, o professor deve fazer também. Isto não é simples, porque esbarra em um consenso aparente de que apenas uma educação de qualidade forma pessoas competentes (MACHADO, 2007). Mas os aspectos relacionados à ideia da pessoa a ser formada, do significado de qualidade educacional e das dimensões das competências fundamentais a serem trabalhadas precisam estar em discussão constante durante a formação docente, sobremaneira, dos cursos da área de saúde. Desta forma, Masseto (2012) defende a fusão entre as competências teórico-científicas, pedagógicas e a dimensão política como básicas para o professor universitário.

Uma das trincheiras que dificulta este conclave reside na própria Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) que encerra em seu texto não ser necessário que mestres e doutores, providos de experiência, tenham formação didática para estar em sala de aula, em detrimento, por exemplo, dos professores de ensino médio. Ou seja, o simples fato de terem cursado uma disciplina, grifa-se “uma disciplina” de Didática do Ensino Superior, confere-lhes a prática docente. Para-

doxalmente, a maior parte dos egressos de cursos *Stricto Sensu*, que serão futuros docentes do ensino superior, são pesquisadores professores e não o inverso (TEIXEIRA, 2009, p.30).

A formação do docente universitário encerra questões que vão muito além de técnicas didáticas e metodológicas, buscam alicerçar qualidade e especificidades nos processos éticos, políticos, sociais e educacionais (CHAVES, 2015). Isto tudo em um processo muito dinâmico, com mudanças constantes inclusive na prática docente.

Tal condição nos remete a dois questionamentos bem importantes: 1- titulação não é necessariamente sinônimo de prática docente de qualidade e 2 - necessidade de reconstruir o significado e aplicabilidade dos saberes docentes, uma vez que provavelmente, a docência ou o sentido pedagógico não foi o objetivo de uma formação universitária.

O processo de formação do docente-fisioterapeuta também se encontra neste espectro de questionamentos, dúvidas e incertezas. Somos formados dentro de uma visão tecnicista que se encerra na relação saúde/doença de forma simplista. Há sim a necessidade de construir e reconstruir a identidade docente nas suas várias dimensões porque somos também educadores.

Mas não há como eliminar os saberes e as competências didático pedagógicas do processo educativo e mesmo que estas sejam realizadas intuitivamente, é inegável sua presença a partir da tensão teoria/prática, das relações ensino/aprendizagem, das competências na elaboração de objetivos a serem alcançados, das estratégias mais adequadas para a transmissão dos conhecimentos, das escolhas e utilizações das tecnologias de ensino e das questões avaliativas. (COSTA, 2012, p.76).

Por isto, tão importante é conhecer o universo pedagógico da formação do docente-fisioterapeuta que tem como objetivo identificar como os cursos de graduação e/ou pós-graduação desenvolvem as habilidades docentes neste grupo de profissionais. E, complementarmente, discutir as percepções que os mesmos têm a respeito da sua formação e prática docente.

Desta forma, em um último momento aplicaram-se duas perguntas abertas que avaliaram as percepções sobre a formação teórico-prática para atuação em sala de aula e a influência desta formação no processo de ensino-aprendizagem.

Quanto à pergunta aberta “Você avalia que o seu curso de graduação ou de pós-graduação, lhe proporcionou, de alguma forma, uma boa formação teórico-prática para atuar em sala de aula? Justifique. ”, obteve-se como resposta dos 10 sujeitos participantes: 2 (20%) afirmaram que não receberam conhecimentos pedagógicos para atuar em sala de aula em seus cursos de graduação e/ou pós-graduação 4 (40%) afirmaram que sim e outros 4 (40%) disseram que os cursos ensinaram a prática docente de forma discreta, e enfatizam que o processo

didático-pedagógico foi focado apenas em pós-graduações específicas ou em módulos de mestrado/doutorado.

Tais observações podem ser consideradas nos discursos de dois voluntários da pesquisa, ambos com mestrado.

“Avalio que a pós-graduação em Docência Universitária me proporcionou bons conhecimentos para a atuação em sala de aula, com ações específicas para a prática pedagógica”. (V.5)

“Somente a pós-graduação por ser específica em docência”. (V.4).

Embora observemos tais opiniões, será que se fossem propostas algumas subescalas mais específicas nesta pergunta, e elaborado o cruzamento dos dados, aplicar-se-ia a esta população, que existe realmente preparação didático-pedagógica nos cursos de pós-graduação?

Há grandes vazios pedagógicos neste sentido, que podem ser falseados por apresentações de trabalhos, seminários, dentre outras técnicas, que podem não ser a vivência real de uma sala de aula, por exemplo, (não que estas não sejam úteis). Apenas alertamos para o fato de que podem haver lacunas muito mais complexas.

De acordo com Veiga (2005, p. 86):

Com relação ao amparo legal para o processo de formação de docentes universitários, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei 9394/96 - em seu artigo 66 é bastante tímida a esse respeito. O docente universitário, de acordo com o enunciado legal, será *preparado* (e não formado) prioritariamente, nos programas de mestrado e doutorado. O parágrafo único do mesmo artigo reconhece o notório saber, título concedido por universidade com curso de doutorado em área afim.

Atrevemo-nos, humildemente a questionar: será mesmo, que em grande parte dos casos, o docente-universitário é preparado???

O próprio ingresso na universidade revela que não há preocupação com a formação pedagógica do professor universitário, ressaltando-se, ainda, que ela se restringe à formação no nível de graduação ou pós-graduação na área específica profissional em que este docente vai atuar. (FERNANDES, 2012, p. 96)

Em relação à segunda pergunta aberta “Você avalia que a formação docente pedagógica influencia no processo de ensino-aprendizagem? Justifique”. Obteve-se como resposta dos 10 sujeitos participantes: 10 (100%) responderam que a formação docente é um preditivo positivo para o processo ensino-aprendizagem, conforme observado na transcrição das respostas dos voluntários a seguir.

“Sim. A formação de fisioterapeuta assim como qualquer profissão direciona na área específica de tratamento. Não somos formados para a docência, portanto quando buscamos esse complemento isso é refletido em nossas aulas”. (V.2.)

“Sim. Sou aluna do último período de Pedagogia e este curso muito me auxiliou na prática pedagógica, principalmente em relação aos métodos de avaliação e os objetivos a serem avaliados no aluno, conhecimento que o bacharel em Fisioterapia não ofereceu”. (V.6).

Ser docente-fisioterapeuta envolve muitos aspectos que podem não ser de nosso conhecimento, sobretudo quando temos disciplinas ou módulos isolados durante a formação em nível de graduação ou pós-graduação, conforme explícitos nos discursos acima citados.

O caminho da formação e desenvolvimento profissionais do professor universitário, baseado em Zabalza (2004), deve estar atento a alguns questionamentos, dentre eles:

- sentido e significado da formação: que tipo de formação? Formação para quê?
- conteúdo da formação: formação sobre o quê?
- destinatários da formação: formação para quem?
- agentes da formação: quem deve ministrá-los?
- organização da formação: que modelos e metodologias? (p.146)

Estes apontamentos são complexos e nos levam a muitas reflexões, mas nos atenta ao nosso papel enquanto docentes, no estabelecimento de critérios didáticos, no dimensionamento das relações sociais, no entendimento de uma heterogeneidade em sala de aula, da forma como cada qual capta ou mesmo re-futa um posicionamento, enfim nos coloca em um mundo desconhecido todos os dias quando entramos numa sala de aula, mas que pela sua incerteza, se torna fascinante.

Tendo em vista o universo da formação pedagógica, Nimitz e Pinto (2008, p.166) discorrem que:

O professor deve ter a preocupação constante de atualizar-se, procedendo a uma revisão crítica de sua proposta pedagógica e de sua atuação, possibilitando aprendizagens significativas, favorecendo o desenvolvimento afetivo cognitivo e o sucesso do processo ensino-aprendizagem. Portanto, deve-se promover o desenvolvimento desse professor, orientando-o e assistindo-o na organização de um ambiente escolar e no processo ensino-aprendizagem significativo para o educando. Assim, permitirá a formação de jovens que pensem, sintam e atribuam valores, como indivíduos criativos e produtivos, conscientes de seu próprio valor pessoal, interessados na condição humana, capazes de idealizar e vislumbrar um melhor, do qual possam fazer parte.

A ideia de uma boa formação docente não se restringe apenas ao que deve ser compartilhado, mas sim ao que devem construir juntos: docentes e alunos. Questionamentos como os apontados no presente estudo precisam ser difundidos dentro de uma discussão salutar e frutífera para o docente-fisioterapeuta conhecer o significado do seu papel social e humano dentro de uma sala de aula, e da comunidade onde está inserido. Assim, a formação pedagógica do docente-fisioterapeuta deve transcender a períodos irrisórios de um módulo ou uma disciplina, e passar a ser entendida como um processo contínuo, não apenas centrado no foco teórico-científico.

Considerações finais

O presente trabalho observou a relevância da Docência Universitária para a prática profissional de professores atuantes no curso de Fisioterapia, quando confrontados os aspectos principais: Como se deu o processo de formação pedagógica dos docentes-fisioterapeutas do Uniaraxá e qual a percepção dos mesmos sobre como a formação pode influenciar o processo de ensino-aprendizagem?

Os resultados evidenciaram em relação à formação profissional, quando questionados sobre como “Você avalia que o seu curso de graduação ou de pós-graduação, lhe proporcionou, de alguma forma, uma boa formação teórico-prática para atuar em sala de aula?”, percebeu-se que existe uma interlocução não muito objetiva, uma vez de que 40% deles afirmaram que suas formações foram discretas no aspecto pedagógico; por outro lado 40% também confirmaram que sua formação em nível de mestrado ou especialização os capacitou para a prática docente. Porém as justificativas das respostas deixaram transparecer uma preocupação com a formação docente evidenciada e confirmada sobre as assertivas no quadro I que tratavam da formação docente.

Tal condição pode ser confirmada na questão dois “ Você avalia que a formação docente pedagógica influencia no processo de ensino-aprendizagem? Justifique”. Todos os voluntários estabeleceram uma correlação positiva entre formação do docente-fisioterapeuta e processo de ensino-aprendizagem. Também foram enfatizadas nas justificativas que tratavam das metodologias aos processos de avaliação de alunos e docentes.

Ao finalizar estas considerações, é possível conhecer o perfil e a importância da formação profissional para o professor de Fisioterapia, ainda que existam lacunas a serem preenchidas. Desta forma, em consonância com o estudo de Ferreira et al. (2014) apresentam-se aqui algumas considerações de possíveis ações que podem ser ou não assimiladas por Instituições de Ensino Superior (IES) visando auxiliar na formação do Docente-Fisioterapeuta, sendo elas;

- a) Maior conscientização dos docentes-fisioterapeutas acerca da importância da formação pedagógica para lecionar nos cursos de Fisioterapia;

- b) Maior incentivo, por parte das próprias universidades, à participação em cursos de formação continuada de professores;
- c) Reconhecer que para atuar enquanto professor no Ensino Superior é preciso ir além da prática de mercado e reprodução de aulas baseadas em antigos professores. É preciso assumir uma postura profissional frente à docência;
- d) Conscientizar as IES de que a formação pedagógica é apenas um dos requisitos básicos para a melhoria do professor universitário, mas a falta de laboratórios, as más condições de trabalho e plano de carreira também comprometem o trabalho docente.

Desta forma, espera-se que o presente trabalho tenha contribuído no sentido de conhecer melhor o corpo docente do curso de fisioterapia, compreender mais profundamente o processo de formação do mesmo e claro, poder articular técnica profissional e estratégias pedagógicas. Um professor mais consciente e preparado pedagogicamente tem a oportunidade de não só participar da preparação do seu discente, mas de refletir e ser um agente social de mudança de realidades, inclusive da sua própria.

Referências

ALFIERI, F.M. A importância do estilo de vida para a fisioterapia. **Lifestyle Journal**, n.1, v.1, p.;14-16, 2011.

ANASTASIOU, Léa das Graças C. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In ANASTASIOU, Léa das Graças C. e ALVES, Leonir Pessate. **Processos de ensinagem na universidade**. Joinville, SC: Editora Univille, 2003.

BARROS, F.B.M. Autonomia profissional do fisioterapeuta ao longo da história. **Revista FísioBrasil**, Brasil, n.59, p.20-31, 2003.

BATISTA, N.A.; BATISTA, S.H. **Docência em saúde: temas e experiências**. 2 ed. São Paulo: Editora Senac, 2014.

BATISTA, N.A.; BATISTA, S.H.S.S. **Docência em saúde: temas e experiências**. São Paulo: Senac; 2004.

BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. **Decreto Lei 8.856 de 1 de Março de 1994**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8856.htm. Acesso em: 15 ago. 2015.

BISPO JÚNIOR, José Patrício. **Formação em fisioterapia no Brasil: reflexões sobre a expansão do ensino e os modelos de formação**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, n.3, p.655-668, jul.-set. 2009.

BOLÍVAR, A. **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. São Paulo: EDUSC, 2002.

CARVALHO, C.R.F. *et al.* **O Ensino de Fisioterapia Respiratória e Terapia Intensiva no Brasil.** Disponível em: www.assobrafir.com.br/UserFiles/...

/Relat_rio_Comiss_o_de_Ensino.pdf . Acesso em: 10 jun. 2015.

CAVALCANTE, C.C.L. *et al.* Evolução científica da fisioterapia em 40 anos de profissão. **Fisioterapia e Movimento**, Curitiba, v. 24, n. 3, p. 513-522, jul./set. 2011.

CHAVES, Amanda Pires. **Formação pedagógica docente na Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física.** Disponível em: <http://www.usc.br/wp-content/uploads/2015/05/Forma%C3%A7%C3%A3o-pedag%C3%B3gica-docente-na-P%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3o-Stricto-Sensu-em-Educa%C3%A7%C3%A3o-F%C3%ADsica.pdf>. Acesso em: 14 set. 2015.

COSTA, Jussara Albuquerque. 2012. 100 f. **O processo de construção dos saberes pedagógicos do fisioterapeuta docente:** o significado da prática. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará, BÉlem-PA. 2012.

FERNANDES, C. M. B. Formação do professor universitário: tarefa de quem? In: MASSETO, M. T. (Org.). **Docência na universidade.** Campinas: Papirus, 2012.

FERREIRA, J.C.B.; QUEIROZ, A.C.F.; MALUSÁ, S. Docência universitária: a formação profissional dos professores de Jornalismo. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul , v. 13, n. 26, jul. /dez. 2014.

FERREIRA, J.C.B.; ANDRADE, M.C. Formação continuada de professores universitários: A experiência da primeira turma de pós-graduação em Docência

Universitária do UNIARAXÁ. **Evidência**, Araxá, v. 11, n. 11, p. 69-80, 2015.

FONSECA, M. C. R. **Educação matemática de jovens e adultos:** especificidades, desafios e contribuições. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional:** quantidade-qualidade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 84-110.

MACIEL, R.V.; SILVA, P.T.G.; SAMPAIO, R.F.; DRUMMOND, A.F. **Teoria, prática e realidade social:** uma perspectiva integrada para o ensino de fisioterapia. **Fisioterapia em movimento**, Curitiba, v.18, nº1, p.11-17, jan/mar., 2005.

MACHADO, Nilson José. **Qualidade da educação:** cinco lembretes e uma lembrança. **Estudos Avançados**, n.21, v.61, p.277-294, 2007.

MARQUES, A.P., SANCHES, E.L. **Origem e evolução da fisioterapia:** aspectos históricos e legais. **Revista de Fisioterapia da Universidade de São Paulo**, n.1, v., p.: 5-10, jul./dez., 1994.

MARQUES, R.N. **A formação pedagógica de docentes supervisores de estágio curricular no curso de fisioterapia da Universidade Federal de Santa Maria-RS.** 114f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria-RS.2012.

MASSETO, Marcos Tarcísio. **Competência pedagógica do professor universitário**. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2012, 208p. .

MORAES, M.V.S.; PAGNEZ, K.S.S.M. **A função educativa dos profissionais da fisioterapia: contexto político e prático**. Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/.../arquivos/CI-439-04.pd. Acesso em: 20 ago. 2015.

NIMITT, D.B.; PINTO, C.B.G.C. **Formação em Pedagogia: expectativas e motivação ligadas à prática pedagógica do professor**. Universidade Humanista de Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 159-180, jan./dez. 2008.

PORTELA, Girlene Lima. **Pesquisa quantitativa ou qualitativa? Eis a questão**. 2004. Disponível em: www.uefs.br/disciplinas/let318/abordagens_metodologicas.rtf. Acesso em: 16 set. 2015.

RIBEIRO, M. L. CUNHA, M.I. Trajetórias da docência universitária em um programa de pós-graduação em Saúde Coletiva. **Interface - Comunicação. Saúde e Educação**, v.14, n.32, p.55-68, jan./mar. 2010.

RICHARDSON, R. J. *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROCHA, V. M. *et al.* Referenciais curriculares nacionais do curso de bacharelado em fisioterapia (ABENFISIO). **Fisioterapia Brasil**, v.11, n.5, p.9-11, Supl., set./out., 2010.

SOARES, S.R.; CUNHA, M.I. **Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade** [online]. Salvador: EDUFBA, 2010. 134 p.

SOARES, Ivna Maria Mello. **Docência universitária e desenvolvimento profissional do fisioterapeuta professor: desafios implícitos – retratos e relatos**. 2013. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Sergipe-Piauí, 2013.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério**. Revista Brasileira de Educação, nº 13. jan/abr., 2000.

TEIXEIRA, Geovana Ferreira Melo. **Docência: uma construção a partir de múltiplos condicionantes**. Boletim Técnico de SENAC: a revista da educação profissional. Rio de Janeiro, v.35., n.1, p.29-37, jan./abr., 2009.

TOMBINI, F. F.; ARAÚJO, M.C.P. **Refletindo as Diretrizes Curriculares na formação do fisioterapeuta**. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin>

[/uploads/2002/Didatica,_curriculos_e_processos_de_escolarizacao/Trabalho/05_01_17_t723.pdf](http://uploads/2002/Didatica,_curriculos_e_processos_de_escolarizacao/Trabalho/05_01_17_t723.pdf). Acesso em: 12 jun. 2015.

VEIGA, Ilma Alencastro Passos. **Docência universitária na Educação Superior**. 2005. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/23711/mod_resource/content/1/Docencia_Universitaria_na_Educacao_Superior.pdf. Acesso: 10 out. 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **A glossary of terms for community health care and services for older persons.** WHO Centre for Health Development, Ageing and Health Technical Report, v. 5, 2004.

ZABALZA, M.A. **O Ensino Universitário: seus cenários, seus protagonistas.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

* **Hélcio Balbino dos Santos:**

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1700650956684207>

* **Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini:**

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4296716090770077>